

# ALBUM

DIRECTOR, ARTHUR AZEVEDO.

SECRETARIO DA REDACÇÃO, EMILIO DE MENEZES.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 números, e de 12\$000 por série de 26 números. Para os Estados 26\$000 e 13\$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

Com o presente numero entra o «Album» no seu segundo anno, sem modificar nem alterar o programma que se traçou e fielmente cumprio durante a publicação de cincoenta e dous numeros.

Os seus proprietarios, abaixo assignados, compromettem-se a dotal-o paulatinamente com todos os melhoramentos possiveis, animados, como se acham, pelo generoso acolhimento que o publico e a imprensa lhe dispensaram sempre.

Como até hoje, ficarão incumbidos:

Da administração financeira e do trabalho typographico H. Lombaerts & Companhia; do trabalho photographico João Gutierrez; da direcção litteraria Arthur Azevedo.

De hoje em diante é secretario da redacção do «Album» o distincto escriptor Emilio de Menezes, que se acha igualmente autorizado a tratar dos interesses do nosso periodico.

Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1893.

LOMBAERTS & COMPANHIA.  
JOÃO GUTIERREZ.  
ARTHUR AZEVEDO.

## SUMMARIO

|   |                          |
|---|--------------------------|
| LAMOUNIER GODOFREDO . . . . .                 | Afonso Celso.            |
| CHRONICA FLUMINENSE . . . . .                 | A. A.                    |
| VIRGEM MORTA . . . . .                        | Bento Ernesto Junior.    |
| A FILHA DO CABOCLLO . . . . .                 | Manoel Benicio.          |
| O JACARÉ . . . . .                            | Raymundo Sousa.          |
| PAVOR DA MORTE . . . . .                      | Claudio de Sousa Junior. |
| SAFA ! . . . . .                              | Gavroche.                |
| AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO . . . . . | Alfredo Bastos.          |
| THEATROS . . . . .                            | X. Y. Z.                 |

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

ALUIZIO AZEVEDO

## LAMOUNIER GODOFREDO

Este distincto moço naseeu na cidade de Itapecerica, Minas Geraes, a 9 de Maio de 1859.

E' filho de José Affonso Lamounier Godofredo e de D. Marianna Innocencia de Figueiredo.

Privado dos carinhos maternos em tenra idade, Antonio Affonso (são os seus nomes baptismaes) foi educado por seu digno pae, que nenhum sacrificio poupou para dar-lhe a melhor cultura intellectual e moral.

Estudou as primeiras letras em Itapecerica.

Frequentou depois as aulas do celebre seminario do Caraça.

Em 1877 partio para S. Paulo, onde prestou exame de todas as materias exigidas para a matricula no curso superior, obtendo excellentes notas de approvação.

A 3 de Novembro de 1883 recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes..

Durante o tirocinio academico distinguio-se sempre pela correeção de seu procedimento, intelligencia, applicação ao estudo e affabilidade para com os collegas, que o consideravam um dos primeiros alumnos de seu anno.

Salientou-se na tribuna e na imprensa academias.

A *Beneficente Mineira*, philantropica associação, destinada a auxiliar os estudantes pobres, filhos de Minas Geraes, elegeu-o seu orador official, quando elle cursava o 5º anno, — o que importou consagração solemne de seu incontestavel valor.

Em Julho de 1884 o Dr. Lamounier Godofredo contrahio casamento com uma formosa e virtuosissima senhora, a Exma. Sra. D. Anna Francisca da Silva Marques, filha unica do proveceto e honrado advogado Dr. José Candido de Azevedo Marques, o qual falleceu em 1890 legando á sua familia, além de um nome immaculado, bens de fortuna adquiridos por meio de honesto e indefesso trabalho.

Depois de casado, abriu escriptorio de advocacia em S. Paulo.

Colheu grandes applausos na tribuna judicaria.

A sua actividade e dedicação ás causas de que se incumbia lhe angariaram ampla clientella.

Em 1888 abriu-se uma vaga de deputado geral no antigo 14º districto de Minas, em consequencia da escolha para senador do commendador Manoel José Soares.

Esse districto era o do nascimento de Lamounier Godofredo.

Apresentou-se elle candidato, e, a despeito de havel-o feito como francamente republicano, conseguiu triumphar em segundo escrutinio, entrando para a Camara, logo após dissolvida.

Foi um dos republicanos que tomaram assento no parlamento da monarchia, graças á liberdade eleitoral de que n'aquelles ominosos tempos se gozava \*

A sua victoria nas urnas causou geral surpresa, principalmente ao partido conservador, que contava consideravel maioria na referida circumscripção.

Assiste ao Dr. Lamounier Godofredo o direito de considerar esse pleito como uma gloria politica.

Sustentou lucta ingente contra poderosos elementos.

Grças a diligente e entusiastica propaganda, converteu ás suas ideias o corpo eleitoral do 14º districto, transformando em baluarte revolucionario um forte bastião de crenças diametralmente oppostas.

As armas de que usou consistiram em conferencias publicas, arregimentação de proselytos, fundação de clubs, alguns dos quaes tomaram o seu nome, como justa homenagem, quaes os de Bambuby e Espirito-Santo dos Coqueiros.

Os seus co-religionarios mineiros devem-lhe muito.

Proclamada a republica, o governo de Minas o nomeou para, em companhia de outros, elaborar o projecto de constituição mineira.

Comtemplado na chapa de deputado á Constituinte, obteve, quer em escrutinio previo, quer na lista definitiva, um dos logares de primazia.

No Congresso proferio varios discursos, cumprindo assignalar o em que combateu, com sensato e patriótico ardor, as odiosas excepções do projecto constitucional, decretado pelo governo provisorio, projecto que trancava as portas da assembléa legislativa á classe sacerdotal.

Terminados os seus poderes, reapresentou-se candidato no antigo districto.

Venceu novamente, não obstante guerra desabrida que lhe moveu a administração federal.

Conseguiu tambem fazer eleger o seu companheiro de chapa Dr. Ribeiro de Almeida.

Isto prova a influencia de que dispõe.

Na camara actual combateu, com energico civismo, a funesta intervenção da força armada na politica do paiz.

Occupa a miudo a tribuna, manifestando firmeza, independencia e sinceridade.

O seu nobre discurso contra o estado de sitio bastaria para evidenciar a elevação de seus principios e de seu character.

Cumpridor escrupuloso de seus deveres, coherente e leal em todos os actos, moderado e tole-

\* A direcção do *Album* deixa aos seus illustres collaboradores toda a liberdade de opinião.

rante, avesso a cortejar os poderosos do dia, ser-viçal, modesto, trabalhador, genuino mineiro, em summa,—o Dr. Lamounier Godofredo está no caso de desempenhar os mais altos cargos publicos, com lustre para seu nome e proveito para a nação.

Hoje um abysmo politico o separa do rabiscador das presentes singelissimas linhas.

Deseja este, entretanto, todas as prosperidades ao Dr. Lamounier Godofredo, pois lhe dedica velha e boa amizade, oriunda do muito que lhe aprecia os raros predicados de espirito e coração.

AFFONSO CELSO.

## CHRONICA FLUMINENSE

Depois que foi publicado o ultimo numero do *Album*, os acontecimentos foram tantos, e tão consideraveis, que dariam, não para uma chronica ligeira, como as que escrevo n'este periodico, mas para um verdadeiro capitulo de historia patria.

\*

O facto mais importante foi sem duvida a entrega da presidencia da Republica pelo Sr. marechal Floriano Peixoto ao Sr. Dr. Prudente de Moraes.

Desvaneceram-se os trinta mil boatos de dictadura que por ahi corriam, boatos estupidos, que só a espiritos ingenuos atemorizavam. O victorioso marechal, que durante a revolta deu as provas mais irrecusaveis de ser um homem superior, um estadista de primeira ordem, não havia de desmanchar com os pés o que fez com as mãos.

Elle entrou na historia atravessando altaneiro um portico luminoso, e não pretenderia, de certo, sahir cabisbaixo pela portinha dos fundos. Elle salvou a Patria como um heróe; não iria opprimil-a como um inepto.

Não! Floriano Peixoto não perderá uma folha dos seus louros, e a gratidão dos brasileiros dignos de ser brasileiros acompanhal-o-ha eternamente. O mesmo que nós hoje sentimos por esse homem extraordinario sentirão pela sua memoria os filhos de nossos filhos.

\*

O Dr. Prudente de Moraes inicia o seu governo sob os melhores auspicios: tem a confiança do povo, e isso é o principal.

As aclamações populares de que o illustre paulista foi alvo na occasião em que tomou posse do poder, devem fortalecel-o e encaminhal-o para bem governar. Mostre o novo chefe do Estado que o seu nome não é um paradoxo baptismal, e a sua passagem pelo palacio de Itamaraty será proficua e benefica.

\*

Outro facto consideravel foi a inauguração da estatua equestre de Osorio na praça Quinze de Novembro.

O esculptor foi digno do soldado, e o futuro os confundirá na mesma gloria. Nas batalhas da arte não ha menos heroismo que nas batalhas da guerra. A estatua de Osorio é a 24 de Maio de Rodolpho Bernardelli. A sua victoria foi completa, e isso mesmo lhe disseram os nossos mais illustres concidadãos no sumptuoso banquete que commemorou brilhantemente a erecção da bella estatua.

Tudo merece Rodolpho Bernardelli, que, além de ser um grande artista, é um dos caracteres mais puros que conheço, e tão modesto, que parece muito admirado das festas que lhe fazem, e tem o ar de quem está constantemente a pedir que lhe perdoem ter muito talento.

\*

Chego tarde para fallar aqui de Xisto Bahia. Já no *Paiz*, na *Noticia* e na *Estação* lhe paguei, como pude, o tributo da minha admiração e da minha saudade.

Entretanto, fique mais uma vez registrado o profundo e indelevel pezar que me causou o desaparecimento do mais brasileiro dos nossos actores.

O retrato e o esboço biographico de Xisto Bahia estão publicados no n. 27 do *Album*.

\*

O pequeno espaço de que disponho não permite occupar-me de outros factos.

Suppram os leitores com um pouco de imaginação o que eu lhes poderia dizer, e consolem-se com a ideia de que as melhores chronicas são justamente aquellas que se não escrevem.

A. A.

### VIRGEM MORTA

Deveis chorar, deveis sentir immenso  
A immensa falta que ella faz, ó aves;  
Deveis chorar não vendo seus suaves  
Olhos luzindo num fulgor intenso.

Deveis sentir, deveis chorar agora,  
Flores, a flor que a morte impiedosa  
Veio roubar-nos na estação radiosa  
Em que toda alma de illusões se enflora.

Não mais veremos seu sorrisolindo!  
E hoje que ella, sob uma lousa algente,  
Dorme, — sem sonhos a embalar-lhe a mente  
O grande somno, o negro somno infindo,

Aves, cantae-lhe as doces cavatinas,  
Que lhe cantaveis junto da janella!  
Rosas, sumi a sepultura d'ella  
Sob um tapiz de pet'las purpurinas!

BENTO ERNESTO JUNIOR.

### A FILHA DO CABOCLO

Como o frio começasse a nos irritar a pelle, deixámos a barraca e nos acocorámos em roda da coivara que o major mandára fazer pelo ordenança.

De vez em quando baforava um sopro do minuano, que nos provocava estremeções de frio pelas carnes e avivava as labaredas que davam um tom amarelento ás nossas figuras illuminadas e coloridas.

Porque tínhamos deixado uma carreta em meio caminho, devido á morte dos animaes que a conduziam; a conversação versou a principio sobre a marcha d'esse dia, enveredou depois para outros assumptos, reinatando afinal sobre mulheres.

Foi n'esse ponto que o major pediu ao tenente Rufino, um official muito falante, paralybano de Cabacirão, dado a escrever e a seduzir criadas estrangeiras, que alegrasse a roda, narrando uma historia de abocainhar a attenção de todos.

O tenente atçou um pouco a coivara, e começou com uma solemnidade que nos dominou completamente.

Demais, elle era um bom declamador e um exagerado, qualidades que servem para os contadores de aventuras.

« — Meus amigos, perante Deus e em face á lealdade que deve caracterisar os homens honestos, juro e dou minha palavra de honra em como a historia que lhes vou contar é verdadeira. Bem que hoje esteja eu distante dezeseis annos d'esse acontecimento, ainda elle revive nas minhas faculdades imaginativas de modo tão vivo como o do dia em que o testemunhei.

Ha factos que deixam um saivo tão amargo ou doce no paladar de nosso espirito, que nunca mais nos esquecemos d'elles.

O que lhes vou contar entra na lista das aventuras sorprendentes.

Eu e meu pae voltavamos de Piauhy, onde elle ia sempre comprar boiada para vender na grande feira de Campina Grande, no meu estado natal.

São viagens de seis mezes. por travessias perigosas e abandonadas, e esta era a primeira que eu fazia.

Ou porque já tinha chegado a epoca de meu desenvolvimento, ou porque os novos ares e os rudes exercicios de boiadeiro tinham influenciado em meu organismo, o caso é que fui rapazote para o Piauhy e voltava já rapaz, com a voz mudada e cheio de desejos viris e aspirações vagas de quem sabe o que quer mas tem vexame e medo de pedir.

Em seis mezes passei da primeira para a segunda quadra da vida. Voltava um joven duro, affeito e tostado pelo sol do verão do norte.

Nos ultimos dias da volta, a saudade da familia apertou o coração do velho, e elle, entregando a boiada aos vaqueiros e tangerinos, arrochou a cilha

ao animal, riscou-o de espora e apressou a marcha, levando-me comisigo.

Nós estávamos habituados a viajar a passo de boi, — tres, quatro leguas por dia...

Basta que lhes diga que na tarde d'este havíamos corrido dez leguas, ora no chouto ora no meio galope dos cavallos.

Pela tardinha eu sentia-me moido e tinha tal expressão de fadiga e acabrunhamento no rosto, que o meu velho, riudo, me disse :

— Que é isto, ó Rufino ? Não podes mais ? Ora vê lá tu, rapaz, os homens do meu tempo ainda são, até agora, mais fortes que os rapazes de tua geração !

— Oh ! mas vosmecê está acostumado a estas viagens que eu é a primeira vez que faço.

— Pois bem mollerão, consola-te. Apressa a marcha e vamos nos arranchar alli adiante, na casa de um compadre meu. O Mendes, conheces ?

— Não é aquelle caboclo com quem o pae gostava de caçar ?

— Esse mesmo. Mora n'estas brenhas com a minha afilhada depois da morte da mulher.

Pelo escurecer lobriguei lá no fundo de um descampado um curral de páo a pique por cima do qual, enguicando-se a vista, descobria-se a casa do Mendes, a branquejar por entre a ramaria de emburanas e gameleiras que sombreavam o pateo.

Havia um alpendre sob o qual tinham armada uma rede.

Eu estava inoido, exausto, cançado e tropego.

Deitei-me para ella e dormi, com as pernas dependuradas, pois que nem as botas tirára, até que me vieram chamar para a merenda.

Tinha fome ; ergui-me.

Queria comer depressa para vir dormir outra vez.

Ceei, porém, mais ronceiramente do que queria, por causa de uma cabocla soberba, a filha do Mendes, que estava na mesa.

Era uma mocetona forte, carnuda, com os olhos grandes, quasi phantasticos, a cabelleira de uma negrura luzidia, as espaduas e as cadeiras cheias de carne. Aquella belleza selvagem fez-me especie.

E, demais, algumas vezes bispei o seu olhar fascinador cahido com uma persistencia voraz sobre mim. Quasi que me fazia mal aquillo !

Levantei-me e deitei-me de novo para a rede. Nem vi mais quando a gente se foi deitar.

Lá para fóra de horas despertei.

Não sei porque, mas sentia-me com um medo vago, desconhecido !

Não havia razão para aquillo, porque eu nem sonhára. No emtanto, o meu espirito acordava cheio de impressões agoureiras e sinistras, que mais se avolumavam devido á isolação em que me achava, alta noite, a dormir no alpendre da casa fechada. Fazia um grande luar que lambia o ladrilho do alpendre aberto por todos os lados.

Pelo pateo, a lua derramava-se alvejando os vultos das arvores e dos bois a ruminarem monotonamente.

Aquelle luar, que n'outra occasião me espantaria da mente os phantasmas e a limparia dos pensamentos lugubres, maior somma de ideias sombrias me provocava.

Um animal levantou-se no terreiro, e a sua sombra projectou-se formidavelmente pelo chão afóra, do tamanho de dez camellos.

Foi então que eu reparoi, nas sombras das arvores, umas nodoas phantasticas que se moviam na terra.

Levantou-se mais outro animal e mais outro e todo o terreiro se encheu de vultos que a lua illuminava com ares de mysterio, dando-lhes proporções phantasticas e descommunaes.

Um rosar de cachorro chainou-me a attenção. Para justificar-me do extraordinario medo que me devorava, tentei raciocinar :

— De certo o cão rosou porque o gado se levanta. Mas porque se levanta o gado ?

Oh ! pavor pelo desconhecido, como és absurdo, mas como esmagas e dominas o espirito mais forte alta noite !

Todo eu tremia a ranger dentes ; tinha sessões n'alma e não fazia frio.

No emtanto, essa allucinação não se justificava dentro em mim proprio, porque todavia eu estava lucido e raciocinava bem. Tanto que pensei em gritar e dissuadi-me disto porque, no caso do apparecimento de meu pae ou de alguém que accudisse para me socorrer, como explicar eu a causa do chamado se não havia causa senão dentro em meu espirito aterrado ?

Era tão natural um cão rosuar dormindo e as rezes se levantarem de noite...

D'onde provinha aquelle pavor inopinado, aquelle assombro desconhecido que me faziam tiritar de frio nervoso e ter calafrios violentos ?

No emtanto, eu não podia dominar a impressão do pesadelo, a angustia pavorosa que me tinham agarrado a vontade como um salteador nocturno.

Estava tremendo, tremendo, com o pensamento cheio de phantasmas.

E n'esse tempo acreditava em caiporas e almas do outro mundo.

Houve uma hora em que senti minha alma dilacerada de pavor.

O tremor cresceu, augmentou, saculejou-me todo.

Eu estava vendo avançar pelo oitão da casa, avançar surrateiramente um vulto branco que a lua aclarava de um geito phantastico.

Então n'essa hora eu tentei pedir socorro.

O grito, porém, não sahio, morreu 'na travessia da garganta, contrahido pelo medo.

O vulto approximava-se decididamente.

Para que fui dormir n'aquella rede, n'aquella varanda aberta, quando podia tel-o feito dentro da casa ?



Phototypia J. Gutierrez.

LAMOUNIER GODOFREDO



Entreguei minha alma a Deus, rezando baixinho e chorando ao mesmo tempo, com pena de morrer tão moço e tão perto de casa que não via ha seis mezes.

Fechei os olhos, e n'esse curto momento de angustia, um minuto, talvez nem tanto, foi tal a tensão de meu pavor, que meus nervos foram se afrouxando, meus membros espreguiçaram-se, bambos e frios, como o de um cadaver fresco, pela rede afóra e restei-me n'uma molledão de mamas chupadas.

Mais tarde (quantos segundos depois?) senti como que um calor ao pé do ouvido e cochichos animadores e ternos.

Semi-abri as palpebras. O vulto branco, debruçado sobre a rede, tinha quasi a bocca collada á minha orelha e murmurava commovida e recciosamente :

— Accorde. Não se assuste.

Abri de todo os olhos, e, animado, larguei um grande suspiro de allivio.

Era a cabocla, a filha do Mendes, com o seu olhar immenso e a cabelleira, de uma negrura luzidia, desenvolta e solta pelos hombros.

Estava mettida n'um cabeção branco como a lua, a magestosa rapariga...

Que horas podiam ser da madrugada? »

..... N'esse ponto todos nós, que ouviamos o tenente Rufino, respirámos, fartos, como quem tem acabado de atirar ao chão pesado volume que trazia no cogote.

Tinham-se chegado algumas praças, durante a narração, sem que reparassemos e, de pé, ouviam com extraordinaria attenção a historia.

Alguns officiaes se enlangueceram, tangidos de volupia e desejos que nos despertára a pintura da cabocla vestida de cabeção branco de dormir.

O major então, mais curioso, interrogou ao tenente :

— Então? Depois?

Começava n'esse momento a tocar silencio. Uma centena de cornetas, clarins e tambores, que faziam parte da brigada, estalava pelas campinas sem fim a nota vibrante das nove horas.

O acampamento bulio-se todo e se recolheu.

Sómente nós restavamos em roda da coivara em brasa viva, silenciosos, sensualizados e avidos de ouvir o resultado da historia interrompida pelo toque de silencio.

— E então, Rufino? Depois? perguntou segunda vez o soffrego major.

O tenente levantou-se e nós tambem.

« — Então, recomeçou elle, ás 7 horas da manhan eu e meu pae montavamos a cavallo e seguíamos viagem. Na curva do caminho olhei para traz.

E depois vi o vulto esplendoroso e robusto da filha do Mendes, afillhada de meu pae, de joelhos, no oitão da casa, com as mãos postas e os olhos em

branco, como que arrependida, a supplicar que eu não dissesse nada a ninguem. . »

— Diabo! resinungou o major, espreguiçando-se como um gato voluptuoso.

Depois de uma pausa, elle chamou o camarada e interrogou :

— Oh! cabo, o sargento Romão está de ronda?

— Está sim senhor.

Nós entrámos todos para a barraca, rindo-nos. A companheira do sargento Romão era uma rapariga nova e bonita.

MANOEL BENICIO.

## O JACARÉ

Cheio de amor e carinhos  
Como todo pae babão,  
Vejo d'aqui meus filhinhos  
Pintando o sete e o simão.

E' sempre alli, ás tardinhas,  
Quando o sol vae se esconder,  
Que o meu bando de andorinhas  
Toca a saltar e a correr.

E como pintam! Pudéra!...  
Vae tudo raso no chão!  
Brinca e folga a primavera  
Na quentura do verão.

A's vezes, por alto dia,  
Quando mais bate o calor,  
Vem um pé de ventania  
Trazer-nos sombra e frescor.

Augmenta, cresce o folguedo...  
Porém Deus sabe que a festa  
Termina, mais tarde ou cedo,  
Com algum gallo na testa.

Mettem-me ás vezes na dança...  
Cede o bocó, cede e vae.  
Sabem lá quem mais criança,  
Se os filhos ou se o papae!

Mas esse brinco irradia,  
Atravessa-me, fulgura  
Pela grande noite escura  
D'esta existencia sombria.

Tenho este peito tão frio!  
Estremeço a cada instante!  
Treme assim o pombo errante  
Quando vae beber no rio.

Passei a vida penando...  
O mundo, a luta, a paixão  
Foram alli amontoando  
A mais negra escuridão.

Eu aqui estou, aqui vivo,  
Pobre pae sempre a scismar!  
Pareço um balão captivo  
Que não sae de seu logar...

Que sobe ao céo... erra . erra...  
Que attinge certa extensão ;  
Mas sempre preso na terra,  
Sempre amarrado no chão !

Assim, pois, quando, á tardinha,  
O meu bando salta e cae,  
Dizendo as doces boquinhas  
Coisas tão doces ao pae,

Elle, que é todo cuidado,  
Elle, que é todo doçuras,  
E' mesmo alli assaltado  
Por um mundo de amarguras !

Assim nas invias estradas,  
Levando o susto e o terror,  
Cae um bando de queixadas  
Sobre o pobre caçador

Eu resgato erros e faltas  
Pelo muito que me doe.  
Se me diz um dos peraltas :  
— Papae, eu tenho dodoe...

Caem tardes hilariantes,  
Toma o céo a distincção  
D'essas noites fascinantes  
Que se arrastam no verão.

A tudo alheio. afastado,  
Pobre sombra que se esvae...  
Aqui vivo enclausurado  
No grande dever de pae.

Abraço então, todo calma.  
A flor que vive nos collos,  
Sentindo bem fundo na alma  
O frio mortal dos polos.

O Deus que fez a hyena  
A pulga, a sogra, o leão,  
Fez a criança pequena,  
Fez o pae tolo e babão.

RAYMUNDO DE SOUZA.

1893, Outubro.

## PAVOR DA MORTE

A ALBERTO CUNHA

Que fosse nma nevrose, um degrão a transpor  
para a loucura de amanha, o Julio começou a sentir  
um terror da morte e uma certeza de sua appro-  
ximação.

Via em cada canto uma cova com a bocca escan-  
carada a pedir um cadaver; em cada recanto uma  
mortalha toda cheia de desenhos tetricos de ca-  
veiras e esqueletos; pelas paredes parecia-lhe ver  
crepes soltos, desenrolados como grandes pavilhões  
negros de morte.

O menor arruido parecia-lhe o echo choroso de  
pás de terra atiradas sobre o seu corpo; uma or-  
chestra que executava polkas parecia-lhe uma or-  
chestra a executar nenias.

Sahia doido pelas ruas, com o medo da morte a  
avassalar-lhe a alma; sahia para procurar dis-  
tracções; mas os homens todos que transitavam  
pelas ruas tinham a pallidez e horribilidade de  
traços de cadaveres fugidos alta noite dos tumulos.

Olhava para o mar onde uma ou outra não  
vogava de velas prenhes de vento; oh, mas o mar  
tambem lhe parecia um cemiterio por sobre cujo  
chão uma luz verde se houvesse espalhado!

Mas aquellas náos, aquellas velas? Não, aquillo  
que elle via não podia ser um cemiterio. Mas quem  
sabe se aquelles vultos não eram tumulos e aquellas  
velas brancas vestes de virgens que sobre os tu-  
mulos rezassem com voz soturna um requiem cho-  
roso, aspergindo a pedra mortuaria com lagrimas  
ardentes?

E os vagalhões com o seu ruido pareciam-lhe es-  
queletos de ossos semi-corroidos a saltitar em uma  
infernial, terrivel dansa macabra que estonteava o  
cerebro, apavorava o espirito.

Voltava para casa o nevrotico e recolhia-se ao  
seu quarto.

Punha-se então a pensar, a meditar; quem sabe  
se elle já não estava morto, se elle já não vagava  
n'uma cidade de mortos?

Olhava então para os ares e convencia-se de que  
estava habitando uma necropole. Pois não viam os  
esqueletos que atravessavam o quarto um a um,  
demoradamente?

Que olhassem; alli estava a Laura, que fôra sua  
amante; era a segunda da fila; mas como estava  
feia! E elle fallava em voz alta:

— Laura, onde estão os teus cabellos loiros que  
eu tanto beijei? Onde o brilho dos teus olhos, onde  
a carnadura arroseada do teu rosto?

A Laura ia passando sem responder e elle via  
outra, a Joanninha, flor alva de innocencia que  
elle maculára em uma noite de lua, por baixo das  
gallharias esverdeadas de uma arvore frondosa.

— Joanninha, meu anjo, minha bella pagina de  
amor, vem aos meus braços que eu quero aspirar  
outra vez o perfume de rosas machucadas que ha

O Album tem recebido os seguintes livros:

— *O ouro em Minas Geraes*, por Paul Ferrand (1.º vol.) Estudo publicado pela commissão da exposição preparatoria de Ouro-Preto, por occasião da Exposição Mineralogica e Metallurgica de Santiago (Chile) em 1894.

— *Monographias brasileiras*, editadas por Alves & C.; 1 *As aves do Brasil*; 11 *Os mamíferos do Brasil*, por E. Goeldi, o illustre director do Museu Paraense.

— *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, a contar de 50 de Maio de 1892 (data de sua fundação) a 28 de Setembro de 1894.

— Recebemos tambem os seguintes jornaes e periodicos: *Gazeta Postal*, do Pará, o *Elegante*, do Maranhão, *Diario*, do Piahy, o *Ceará illustrado*, o *Commercio* e a *Republica*, do Ceará, o *Rio Grande do Norte*, *Gutemberg* e *Gazeta de Alagoas*, de Alagoas, a *Revista contemporanea* (1.º numero), de Pernambuco, o *Diario de Noticias*, a *Renascença* e o *Triunvirato* (1.º numero) da Bahia, o *Commercio do Espirito-Santo*, o *Monitor Campista*, a *Gazeta do povo*, a *Gazeta de Petropolis*, o *Povo*, do Rio de Janeiro, o *Pharol*, a *Revista Industrial*, o *Cysne*, (1.º numero), a *Folha*, o *Monitor sul-mineiro*, o *Contemporaneo*, de Minas-Geraes, o *Setimo Districto*, o *Ensaio* e o *Diario de Campinas*, de S. Paulo, o *Artista*, do Rio Grande do Sul, o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Semana*, *L'étoile du Sud*, o *Mundo galante*, a *Tetéa* e outros, d'esta capital.



em tua bocca, quero beber luz em teus olhos, perder-me na treva dos teus cabellos!

E elle via a Joanninha affastar-se, enquanto outros iam succedendo, e continuava a fila de esqueletos a atravessar o quarto em passos demorados, até que elle, com o espirito fatigado, ficava p'rahi prostrado n'uma somnolencia morbida.

Repetiam-se estas scenas diariamente e a nevrose ia subindo a escala da loucura.

Uma noite, a nevrose já chegára ao extremo; o Julio entrou em seu quarto com a cabelleira arrepiada, os olhos esbugalhados n'um esforço de apprehensão de uma scena terrivel que se devia estar desenrolando no espaço, o semblante bestializado. á espera talvez de um desfecho, um cordão de frio gelido a percorrer-lhe a espinha toda, um tremor convulso a bambear-lhe os membros, uma dor intensa a querer espedaçar-lhe o cerebro.

Atirou-se ao leito; poz as mãos sobre o peito e ficou a escutar o coração; oh, elle ia morrer, o coração gradualmente ia deixando de pulsar!

Um terror, uma convulsão horrivel de medo fez-lhe emitir um grito estridulo, vibrante, ao qual accudiram paes e irmãos.

O Julio julgou ver a figura da morte que se approximava, a foice derreada sobre o hombro, os dentes arreganhados em gargalhar sarcastico, uma mortalha pendurada na mão.

E o coração que parava?

Era preciso lutar contra a morte, e elle, erguendo-se do leito, começou a debater-se como que a lutar com alguém.

Sua mãe approximou-se para o conter, e elle, julgando que era a morte que se approximava, atirou-se á sua mãe, estrangulou-a e poz-se a morder-a enquanto a pobre mulher, quasi asphyxiada, banhada em sangue, gritava:

— Meu filho, meu filho!

Os assistentes agarraram-n'o então, e elle, chegado á loucura, completamente doido, gargalhava em alegria franca, como que livre de uma oppressão, e gritava:

— Jamais a morte me perseguirá; eil-a a meus pés!

E rindo-se, rindo-se muito, apontava para sua mãe, já cadaver, que estava alli p'r'o chão, o corpo estirado, duas lagrimas rutilas humedecendo o canto dos olhos.

CLAUDIO DE SOUSA JUNIOR.

### SAFA!

Quanto festejo official!  
Quanta solemne massada!  
A commissão oriental.  
Deve estar desorientada!

GAVROCHE.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

(Continuação)

XIV

Quem d'ahi a uma hora passasse pela rua 25 de Maio daria com um contraste. A' alegria das luzes da confeitaria respondia a escuridão.

Foi noite mal dormida a que passou Lucio Herrera. Ainda lhe volitavam, em meio de pensamentos que se succediam. — uns espheroides, que subiam e desciam pelo espaço do seu quarto de rapaz solteiro, como succede de continuo aos pensadores que ficam o olhar n'um recanto e dão se a divagações illimitadas.

Devia ser n'essa attitude de gato adormecido que Kepler deduzira as leis da gravitação.

E até mesmo os tremendos frades, que Satanaz atarrachou a este planeta de *majonaises*, quando se criam e engordam como suínos appetecidos, fazem o mesmo que Lucio: bestificam-se em apparencia e na realidade não gastam o phosphoro do encephalo, nem morrerão doudos de pensar; em compensação, digerem com a pacatez e pachorra dos reptis, que — assim dizem — são capazes de comer um boi desde a cauda até as pontas e não podem tragar um frade.

E o que é verdade é que a ordem de considerações a que se dava Lucio Herrera era indigna de sua intelligencia; era futil, infantil; amava ainda a mulher que o mandaria, talvez, patear, se Guilherme se não tivesse lembrado primeiro d'esse luminoso plano.

Eram umas divagações infinitas, que pareciam perpassar por sobre a grande escala dos sercs terrenos.

De deducção em deducção, não haveria duvida que o moço chegaria a estudar a paridade entre o boi e o frade; e se fosse consciencioso, diria lá com os seus botões: homem, o boi é ruminante por obrigação, mas o frade ruma por devoção.

O que é facto, é que Lucio passou uma noite escura perfeitamente ás claras.

Se tudo via elle, em meio d'aquelle quarto negro, sem luz, como se por ventura o diabo o houvesse pintado á força de alcatrão!... cogitava, com o olhar desterrado para sobre um grupo de *biscuit*, — assim marcava a bussola da visão — e com a ideia feita aguia, a voar por uns infinitos imaginarios!...

O homem que medita faz do olhar ancora; larga-a n'este valle de lagrimas e solta as bujarronas do pensamento ao vendaval das meditações profundas.

E o rapaz estava n'este caso. Havia combinado encontrar-se com Carrero, de manhan — que já principiava a despontar.

Quem o attribulava devéras era Carmen — simplesmente — não humanisada, mas com a vulgaridade das coisas, descida do tabernaculo da adoração para a sargeta da intriga. Verdadeiramente qualquer coisa!

Infelizmente não durou.

Os enamorados são assim: têm muita bilis, mas, depois que a expellem em desaforos ridiculos, dão-se de mãos e acariciam-se como dous gatos que se lambem depois de se lancetarem mutuamente com as virgulas das unhas.

— Decididamente não tenho razão de me atormentar! Como nunca, estou plenamente convencido de que Carmen me ama com enthusiasmo!

E susteve-se n'esse preludio, como quem, fallando com outra pessoa, carecesse de estudar argumentações fortes e irresistiveis.

— E não ha duvida — continuou — que me não engano! Sejamos consequentes e razoaveis. Escrevi una comedia em que pintei a largos traços a biographia da alma de Dolores. Carmen é mulher intelligente e perspicaz. O seu espirito foi atiladamente ao alvo da minha intenção. Vio as scenas succederem-se — sabia, provavelmente de antemão, quem era o auctor da comedia — traduzio-as e desesperou-se com o sarcasmo. E' filha! O desespero sobreveio-lhe; diria lá comsigo: « — Não!... Lucio que escreveu similhante coisa, não me póde amar! offende-me indirectamente! » E então, — ahi o verás — saltou a campo a senhora represalia! Pois não seria extremamente ridiculo que ella, moça, a cujos pés se atiravam, como tapete de Bruxellas, ou bifés bem batidos, á ingleza, dezenas de corações; que ella, a quem a sociedade applaudia, se deixasse no consentimento da ousadia? E, depois — convem ainda meditar — não era Dolores sua mãe?... Com mil demonios, elle, Lucio, devia de ter sido prudente!

Não podia amar Guilherme Tosti! A mulher que entrega o seu espirito, ornado com as galas do amor, a um homem, nunca exige d'elle uma acção de villão, nem a miseria de ser injusto.

Carmen servio-se de Tosti, para lembrar a pateada. Nem isso! O que me parece — continuava Lucio a dizer comsigo — é que a pobre filha de Dolores, na expansão do desespero, disse entredentes: O autor d'esta comedia merecia uma corrigenda formidavel. Ora, que coisa mais natural do que Tosti lembrar-se de pateada? — era mathematico!

E n'isto, Lucio deu volta ao corpo estendido, na indolencia de rapaz que entrou em casa com os ossos quebrados por uma ceia. Enfrentou com a parede, que não podia ver, e concluiu muito orgulhoso da sua logica; — E' tão certo o que penso, como dous e dous são quatro!...

E é preciso notar que Lucio, n'esta emergencia, afastava-se de uma anecdota ferina, que corria na actualidade, e que importava em affirmar-se que o poder executivo da Republica do Uruguay, para

mostrar a sua omnipotencia — digamos, a sua omnisciencia — havia decretado que dous e dous fossem cinco, crú, decidida e mathematicamente! A politica...

O dia amanheceu. A' aurora correspondia um crepusculo *vespertino* descendo por sobre as palpebras do moço.

Podia-se agora affirmar que o autor da comedia adormecia sobre os louros.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

## THEATROS

( NOTAS A LAPIS )

APOLLO.—Companhia lyrica Verdini. Bilhetes baratissimos. Os espectadores convencem-se de que o barato sae caro.

\*

RECREIO.—Estão em scena o *Mundo da lua*, espirituosa revista de Figueiredo Coimbra, e *Quem casa quer casa*, o velho e delicioso entremez de Martins Penna.

\*

LUCINDA.—A empreza trata de substituir o *Brazileiro Pancraccio*, borracheira insigne.

\*

SANT'ANNA.—Peças velhas para enganar o estomago ao publico emquanto não lhe dão a *Cornucopia do amor*, que me dizem ser prato muito succulento.

\*

VARIEDADES.—Uma peça hoje outra amanhã...

\*

PHENIX.—Uma nova companhia dramatica. Peça de estreia, a *Estatua de carne*. O papel do conde Paulo de Santa Rosa é desempenhado pelo Eugenio de Magalhães.

\*

S. PEDRO.—Pelotiqueiros americanos.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria H. Lombaerts, rua dos Ourives n. 7 e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imprensa H. Lombaerts & C.